

# O jornal *Estado de Minas* e o sotaque mineiro da narrativa do golpe de 1964

Marta MAIA<sup>1</sup>

Isadora Moreira RIBEIRO<sup>2</sup>

## Resumo

O espaço teórico-metodológico de debate deste artigo constitui-se no encontro entre as noções de acontecimento, memória e narrativas jornalísticas, tendo como *corpus* de pesquisa o especial produzido pelo jornal *Estado de Minas* em ocasião dos 50 anos completados pelo golpe militar de 1964 no Brasil. A partir desse substrato, também completam a discussão do trabalho as principais fontes envolvidas nas matérias componentes do especial. Nesse sentido, tem-se como objetivo reconhecer, enquanto acontecimento midiático, o processo de convocação do passado configurado na abordagem narrativa do jornal, bem como a memória enquanto potência participante desse fluxo e o papel proeminente da noção de “mineiridade” enquanto chave de leitura dos acontecimentos em questão.

Palavras-chave: *Estado de Minas*; jornalismo; narrativas.

35

---

1 Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Coordena o Projeto de pesquisa “Verdades escolhidas: jornalismo e novas narrativas sobre a ditadura no Brasil” (CNPq). É líder do Grupo de Pesquisa “Jornalismo, Narrativas e Práticas Comunicacionais” (CNPq/UFOP).

2 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, na Linha de Pesquisa “Jornalismo, Cultura e Sociedade”. Participa do Projeto de pesquisa “Verdades escolhidas: jornalismo e novas narrativas sobre a ditadura no Brasil” (CNPq). É membro do Grupo de Pesquisa “Jornalismo, Narrativas e Práticas Comunicacionais” (CNPq/UFOP).

## Abstract

The theoretical and methodological discussion space of this article is constituted by the encounter between the notions of memory and journalistic narratives. The research corpus is the special supplement produced by the Estado de Minas newspaper on the 50th anniversary completed by the 1964 Brazilian military coup. From this substrate also complement the discussion the main sources involved in the special supplement. In this sense, it has been intended to recognize as media event, the call of the past setup process in the journal narrative approach, and the memory power as a component of this flow and the prominent role of the notion of "mineiridade" while reading key of the events in question.

Keywords: *Estado de Minas*; journalism; narratives

## Introdução

No ano de 2014, o golpe civil militar, que em 1964 destituiu do poder o presidente João Goulart e instalou 21 anos de governo ditatorial no Brasil, completou 50 anos. Segundo a história oficial, a marcha militar para derrubar o presidente constitucionalmente legítimo teve início no estado de Minas Gerais, contando com cerca de seis mil homens que, sob a liderança do general Olímpio Mourão Filho, seguiu em direção ao estado do Rio de Janeiro, à época chamado Guanabara, no dia 31 de março de 1964. A intervenção militar, que seria fruto de uma reunião ocorrida no dia 28 de março e encabeçada, além do general, pelo governador de Minas Gerais e por comandantes militares de Belo Horizonte, estaria programada para ocorrer no dia 4 de abril. No entanto, o general antecipou a ação e já em 9 de abril de 2014, por meio do Ato Institucional nº1, publicado no Diário Oficial, o governo brasileiro passou oficialmente para as mãos da junta militar, que permaneceria em sua regência até 1985.

A ditadura militar brasileira contou, em sua instalação, com apoio midiático e civil. É importante ressaltar que, desde 1946, o Brasil vivia um período de governos democraticamente eleitos e constitucionalmente legítimos, com um cenário marcado,

inclusive, pela possibilidade de conquistas sociais como a reforma agrária. No entanto, em um ambiente conservador como o do país, os passos seguidos pelo presidente foram de encontro aos interesses das elites, as quais, amparadas pela grande mídia e por uma sociedade tradicionalista, fomentaram o golpe que traria ao Brasil pouco mais de duas décadas de retrocesso político e demais consequências daí advindas.

No contexto dos 50 anos desse acontecimento da história nacional, produções remetentes ao período foram veiculadas na mídia nacional em quantidade significativa, a exemplo do jornal *Estado de Minas*, que trouxe em suas páginas, entre os dias 23 de fevereiro e 1º de abril de 2014, com uma periodicidade não regular, o especial “Golpe de 1964 – 50 anos”, o qual é objeto de análise desse trabalho. Em uma nota de rodapé, a primeira publicação do especial veiculado pelo jornal mineiro, um perfil do ex-governador de Minas Gerais, Rondon Pacheco, anunciou a sequência de reportagens que o impresso traria: “a partir de hoje o *Estado de Minas* vai publicar aos fins de semana uma série de reportagens sobre os episódios e personagens que marcaram o período da ditadura militar no Brasil, iniciada há 50 anos, em 31 de março de 1964”. (Jornal *Estado de Minas*, 23 de fevereiro de 2014).

Acrescidas a essa, as 18 matérias que se seguiram compõem o *corpus* da análise desse artigo, que parte da categorização dos fatos narrados pelo jornal como acontecimentos, visto que, tal como apresenta Queré (2012), esses fatos narrativizados são dotados do poder de afetação do outro e suscitam ações, dado que emergem como mudanças no plano existencial e da experimentação social. Diante dessa perspectiva, é possível delimitar dois momentos: o histórico, representado pelo golpe, e o atual, centrado na configuração, via mídia, das narrativas acerca do episódio que estendeu ao Brasil 21 anos de supressão da democracia. Dadas as condições a partir das quais a investigação se orienta, é possível afirmar que a efeméride “50 anos do golpe” alcançou relativa projeção nos meios de comunicação, tendo a compreensão de que a instalação da Comissão Nacional da Verdade (CNV), em 2012, e a das demais comissões, anteriores e na sequência, contribuem para a reverberação desse assunto no campo midiático.

A metodologia aplicada à análise do objeto apresentado baseia-se no processo de configuração do acontecimento descrito por Leandro Lage (2013) a partir de Paul Ricoeur (2010). De acordo com essa perspectiva, a ação configuradora é o que faz dos acontecimentos histórias contadas, ou seja, o acontecimento é instaurado na composição

da intriga, não se restringindo a um fenômeno e não compreendendo a totalidade da narrativa que o enreda. “O acontecimento, portanto, não é histórico – ou jornalístico – *em si*. É, na realidade, configurado enquanto tal” (LAGE, 2013, p. 231). Desse modo, a construção da discussão passa necessariamente pelos conceitos de acontecimento e narrativa os quais, no decurso do debate, são completados pelos estudos acerca da memória, tendo em vista a importância destes na compreensão da dimensão histórica do objeto.

A partir dessa perspectiva, toma-se por pretensão refletir sobre o papel mediador do jornalismo e a dimensão tensionada que a disputa de sentidos na atualidade confere a este acontecimento. Tem-se aqui, contudo, a clareza de que outros espaços institucionais também participam desse processo social de mediação, sendo importante reconhecer ainda que a circulação desse acontecimento se dá em consonância com as possibilidades do momento histórico que o condiciona pois, tal como explica França (2012), “a criação de fatos apenas se traduz em acontecimento se eles conseguem inscrever no horizonte de sentidos possibilidades que não estavam dadas anteriormente” (p. 46).

38

### “O Grande Jornal dos Mineiros”

“Numa palavra, esforçar-nos-emos para fazer um jornal de sentimento mineiro, e assim teremos de certo o apoio necessário do bom senso inveterado do nosso povo” (Jornal *Estado de Minas*, 07 de março de 1928 *apud* ARANTES; MUSSE, 2012, p. 2). Extraído do primeiro editorial do jornal, o trecho adianta a proposta de salvaguardar uma identidade mineira que o impresso carregaria consigo nesses seus 87 anos de existência. Quando estendida ao material recortado para investigação, essa afirmação ainda ecoa: das 19 matérias que compõem o *corpus* da pesquisa, 11 têm como ambientação geográfica o estado de Minas Gerais. A alusão ao estado ainda se manifesta na escolha de fontes, na intitulação das reportagens e na eleição dos temas e personagens para as histórias narradas. Caracterizadas por um teor memorial, as matérias do especial pelos 50 anos do golpe foram, em sua totalidade, veiculadas na editoria de *Política* e são ancoradas por depoimentos fornecidos por fontes envolvidas no momento histórico do regime militar ou pessoas próximas a estas, quando no caso de já falecidas. Os temas norteadores das produções em consideração são a resistência ao golpe, a interferência

política mineira e os tópicos mais abrangentes, como a anistia e a tortura, como mostra a Tabela a seguir:

Tabela 1 – Especial “Golpe de 1964 – 50 anos”

DATA	MATÉRIA	RETRANCA	DESCRIÇÃO
23/02	MEMÓRIAS DE UM MINEIRO NO OLHO DO FURACÃO As lembranças do ex-governador que viveu bem de perto os tensos momentos de 1964 e 1968	—	- PERSONAGEM / TEMA: Rondon Pacheco (ex-governador de Minas Gerais) - FOCO: local (personagem mineiro)
02/03	MENSAGEM EM FORMA DE DESENHO Como Henfil conseguiu contar para a cunhada, presa e torturada, que a filha estava bem	—	- PERSONAGEM / TEMA: Henfil (cartunista) - FOCO: local (personagem mineiro) <b>39</b>
	UMA FRASE EM NOME DA LIBERDADE Artista plástica enfrentou militares e grafou em painel na UFMG mensagem de resistência	—	- PERSONAGEM / TEMA: Yara Tupynambá (artista plástica) - FOCO: local (personagem mineira)
09/03	PRIMEIRO FACÃO DA DITADURA Três deputados de Minas foram cassados pelos próprios colegas	FOCO DE CONSTANTE TENSÃO Grupos contra e pró militares travavam calorosos debates na Assembleia	- PERSONAGEM / TEMA: Legislativo mineiro - FOCO: local (políticos mineiros)
16/03	RESISTÊNCIA NO CÂMPUS Universitários lideraram um dos principais focos de mobilização social e combate ao regime	—	- PERSONAGEM / TEMA: Movimento estudantil - FOCO: local (ex-alunos da UFMG)
23/03	CARTAS DO EXÍLIO Correspondências inéditas de JK a amigos no Brasil em 1964 mostram um homem triste, deprimido, mas com	—	- PERSONAGEM / TEMA: Juscelino Kubitschek (ex-presidente) - FOCO: nacional + local (político brasileiro de origem mineira)

	esperanças de que logo o país se libertaria		
24/03	QUANDO FERIRAM O BRASIL Nos 21 anos de ditadura, 1.843 presos políticos foram torturados em 246 locais espalhados pelo país	—	- PERSONAGEM / TEMA: Tortura - FOCO: nacional - OBS.: contém box com locais de tortura em MG
25/03	SEM PERDER A TERNURA A história do primeiro foco guerrilheiro contra a ditadura é revisitada pelo seu comandante	—	- PERSONAGEM / TEMA: Guerrilha do Caparaó (perfil do ex-guerrilheiro Amadeu Felipe) - FOCO: nacional - OBS.: destaque para a região da divisa MG/ES, local da guerrilha
26/03	QUEM FOI ESSA MULHER... A história da estilista mineira que enfrentou os militares em busca do filho	—	- PERSONAGEM / TEMA: Zuzu Angel - FOCO: local (personagem mineira)
27/03	AS "DUAS MORTES" DE GARY PRADO Quando a esquerda tentou matar o assassino de Che e a ditadura tramou a morte de Brizola	—	- PERSONAGEM / TEMA: Histórias marginais - FOCO: nacional
29/03	A DITADURA EM 10 QUESTÕES Quatro historiadores fazem um raio X de alguns dos principais pontos do regime militar	—	- PERSONAGEM / TEMA: Ditadura e desdobramentos* - FOCO: nacional - OBS.: 2 das 4 fontes são de MG (UFMG e PUC Minas)
30/03	A MARCHA RUMO AO GOLPE Como foi a operação militar que partiu de Minas para implantar a ditadura no país	UMA ESTRATÉGIA POLÍTICA E MILITAR Inicialmente, a trama era movimentar as tropas até o rio no dia 4 de abril, mas o general Mourão Filho antecipou o golpe	- PERSONAGEM / TEMA: Protagonismo mineiro no golpe* - FOCO: nacional + local (episódio da história do Brasil protagonizado por MG)
	A HISTÓRIA EM DUAS VERSÕES	—	- PERSONAGEM / TEMA: Debate - FOCO: nacional - OBSERVAÇÃO: fontes de MG (general + professor e ex-aluno da UFMG)

40

	<p>ÚLTIMOS PASSOS DE JANGO</p> <p>Dias antes de cair, João Goulart defende justiça social no que seria seu último discurso</p>	—	<p>- PERSONAGEM / TEMA: João Goulart</p> <p>- FOCO: nacional</p> <p>- OBS.: destaque para a influência de Tancredo Neves e JK</p>
31/03	<p>OS PRIMEIROS PASSOS DO REGIME MILITAR</p> <p>Há exatos 50 anos, marcha de tropa mineira marcava o início da ditadura</p>	—	<p>- PERSONAGEM / TEMA: Protagonismo mineiro no golpe*</p> <p>- FOCO: nacional + local (episódio da história protagonizado por MG)</p>
	<p>ROTINA ÀS MARGENS DO GOLPE</p> <p>Em 31 de março de 1964, ação militar não passava de burburinho no dia a dia de BH</p>	—	<p>- PERSONAGEM / TEMA: Belo Horizonte*</p> <p>- FOCO: local (descrição do cotidiano de Belo Horizonte)</p>
	<p>PESADELO PERTO DO FIM</p> <p>Com a anistia, militantes de esquerda exilados começaram a retornar ao Brasil</p>	—	<p>- PERSONAGEM / TEMA: Anistia*</p> <p>- FOCO: nacional</p>
01/04	<p>PELA VERDADE</p> <p>Ministra e senadores defendem revisão da anistia. Dilma diz que país tem dívida com vítimas</p>	—	<p>- PERSONAGEM / TEMA: Anistia*</p> <p>- FOCO: nacional</p> <p>- OBS.: menção ao encontro em memória da resistência ocorrido em BH no dia anterior</p>
	<p>EM MEMÓRIA DA RESISTÊNCIA</p> <p>Antigo prédio da Fafich é tombado pelo patrimônio de BH</p>	—	<p>- PERSONAGEM / TEMA: Resistência estudantil*</p> <p>- FOCO: local (Fafich - UFMG)</p>

41

Fonte: elaboração própria.

Legenda: Os termos seguidos por asterisco indicam os temas apreendidos por meio da leitura e não como os demais, que aparecem, na diagramação das páginas, ao lado das manchetes a que correspondem.

De acordo com a catalogação ilustrada na Tabela 1, é perceptível a forte marca do regionalismo nas construções jornalísticas do *Estado de Minas*. Como a noção de “mineiridade” já foi motivo de inúmeros estudos nas mais variadas dimensões, a visão que aqui se apresenta advém dos estudos da pesquisadora Vera França (1998), que analisou

o fenômeno comunicativo a partir da relação entre o jornal *Estado de Minas* e a vida social no estado. Em sua pesquisa a autora afirma que, apesar de existirem estudiosos favoráveis e contrários à noção conceitual de “mineiridade” para nomear o conjunto, diga-se, de práticas tidas como típicas do estado de Minas Gerais e dos indivíduos dele oriundos, é inegável a presença do termo, há tempos, nos mais variados discursos referentes ao estado, tendo sido oficialmente proferido pela primeira vez em 1946, por Gilberto Freyre.

Vera França não reconhece a existência de uma “mineiridade” como conceito único e acabado, mas como construção em movimento, “a partir das formas sociais vivas, das relações e dos fatos do cotidiano” (p. 99), considerando, para efeito de análise, que existe uma espécie de lastro histórico que propicia o que ela irá chamar de “espírito mineiro” (denominado também de “mineiridade” em algumas passagens do livro), configurado a partir da história e da experiência.

Se por um lado a busca pela defesa de uma identidade mineira prevalece, por outro, o discurso em relação ao golpe ganha diferente abordagem após esse intervalo de meio século. Em 1964, logo em seguida à tomada de poder pelos militares, o jornal manifestava seu posicionamento contrário ao governo de João Goulart :

Multidões em júbilo na Praça da Liberdade. Ovationados o governador do estado e chefes militares. O ponto culminante das comemorações que ontem fizeram em Belo Horizonte, pela vitória do movimento pela paz e pela democracia foi, sem dúvida, a concentração popular defronte ao Palácio da Liberdade (Jornal *Estado de Minas*, 02 de abril de 1964 *apud* ARANTES; MUSSE, 2012, p. 7).

Vale a pena, ainda, citar a manchete do *Estado de Minas* do dia 5 de abril de 1964: “Feliz a nação que pode contar com corporações militares de tão altos índices cívicos” (REDAÇÃO CARTA MAIOR). Se há 50 anos o jornal se colocava como favorável ao “movimento pela paz e democracia”, no contexto atual, através do especial “Golpe de 1964 – 50 anos”, nota-se uma mudança de postura por parte do veículo, que caracteriza a implementação de uma ditadura militar, conforme a nota de rodapé veiculada no início da série de reportagens sobre os 50 anos. De todo modo, como essa pesquisa não visa estabelecer comparações entre os períodos, é preciso ressaltar que a citação de frases datadas de 1964 tem como mote uma melhor contextualização da trajetória política do periódico.

Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, vol.2, n.2 p.35-50, JUL/DeZ 2015.



Ao protagonismo mineiro ressaltado pelo jornal em diferentes épocas é possível relacionar o que Aleida Assmann trata como “memória dos locais” (2011, p. 347). De acordo com a autora, essa expressão “aponta para a possibilidade de que os locais possam tornar-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos” (ASSMANN, 2011, p. 347). Nesse sentido, torna-se coerente pensar que, acima dos sujeitos que personificam as narrativas configuradas no jornal, está o “sujeito Minas Gerais”. Portanto, é esse território físico, enquanto espaço de recordação, o protagonista do objeto de estudo.

A afirmativa anterior pode ser ilustrada desde as matérias de cunho politicamente mais engajado até as de teor mais leve. Como primeiro exemplo, “A marcha rumo ao golpe”, publicada no dia 30 de março de 2014, traz em destaque, já no chapéu que a acompanha (Tabela 1), uma reafirmação do estado de Minas Gerais. Como segundo exemplo, “Rotina às margens do golpe”, veiculada no dia seguinte, ao narrar uma espécie de crônica do cotidiano de Belo Horizonte às vésperas da tomada ilegal de poder pelos militares, insufla a importância do estado não só na política nacional:

Minas Gerais, que acabara de receber a visita do príncipe herdeiro da Noruega, Harald, também estava nas manchetes novamente: havia especulações de que uma moradora de Poços de Caldas poderia ser a verdadeira princesa russa Anastácia. Quem não estava antenado nos bastidores da política mal imaginava que em três dias o regime militar se instalaria, com a ajuda dos políticos e generais mineiros, e se arrastaria numa ditadura por 21 anos. (Jornal *Estado de Minas*, 31 de março de 2014)

A representatividade do movimento estudantil, especificamente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), também ganha ênfase nas páginas do *Estado de Minas*. Ainda que, ao contrário de outras universidades brasileiras, a UFMG não apresente uma Comissão da Verdade própria, ela comporta, ao lado da Universidade de Brasília (UnB), os arquivos das Assessorias de Segurança e Informações (ASI) em melhor qualidade de preservação (MOTTA, 2008). Criadas no começo dos anos 1970, essas agências “eram ramificações da comunidade de informações no interior do sistema universitário, para melhor vigiar um setor considerado estratégico” (MOTTA, 2008, p. 43).

A UFMG, embora tenha sido espaço de intervenção militar em 1964, resistiu a esse processo tendo sua intervenção revogada em pouco tempo, como conta o reitor em exercício na época, Aluísio Pimenta: “Veio a intervenção militar [na UFMG] que durou pouco pela reação da comunidade universitária que nos apoiou integralmente” (PIMENTA, 1979, p. 47). Entretanto, em 1969, não deixou de enfrentar o recrudescimento do regime, advindo do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968, sofrendo então a intervenção, com aposentadorias compulsórias a vários dirigentes e professores da Universidade.

Agregando a isso o *corpus* da pesquisa, constata-se, nas narrativas jornalísticas desencadeadas acerca da resistência ao governo militar nesse ambiente, não só uma reafirmação de um local de memória situado em Minas Gerais, mas ainda o reconhecimento, dentro do espaço de recordação midiático, da relevância que a Universidade teve nesse contexto. Nesse sentido, emergem como personagens a universidade, os discentes, os docentes e a própria reitoria. Conforme recorda a matéria “Uma frase em nome da liberdade”, do dia 2 de março, em cinco anos dois reitores foram afastados do cargo por interferência militar: Aluísio Pimenta (1964 – 1967) e Gerson Boson (1967 – 1969). Em “Resistência no câmpus”, veiculada no dia 16 de março, outros dados completam a intervenção militar na universidade: “A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) teve 15 professores aposentados compulsoriamente pela ditadura militar depois do AI-5 [...] A escola foi a quarta no país em número de profissionais retirados do trabalho por determinação dos militares [...] (Jornal *Estado de Minas*, 16 de março de 2014).

### Acontecimento e memória

A partir das discussões de Louis Quéré (2005), é possível dizer que a reflexão sobre acontecimento implica o envolvimento de sujeitos e ocorrências, tendo a clareza que

[...] o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. [...] Quer dizer que ele afecta alguém, de uma maneira ou de outra, e que suscita reações e respostas mais ou menos apropriadas. (QUÉRÉ, 2005, p. 61).

Entre outras questões, isso mostra que o sujeito não é a medida do acontecimento, mas mantém uma relação de afetação com o ocorrido. Como completa Vera França (2012, p.12), o acontecimento

[...] é um conceito muito presente no campo da história; a história do acontecimento constrói suas narrativas a partir de momentos marcantes. Assim é que a história do Brasil é uma soma deles – o descobrimento, a primeira missa, a vinda da família real, o Grito do Ipiranga e muitos outros, chegando a nossos dias e à eleição da primeira mulher “presidenta”.

É preciso, portanto, pensar sobre as forças que são convocadas a refigurar esse acontecimento, conferindo à memória um papel singular nesse processo. Torna-se necessário, ainda, levar em conta a localização da memória no que compete a esse processo narrativo operado no periódico em questão. Nesse sentido, vale acionar o conceito de rememoração delineado, com base em Benjamin, por Gagnebin (2006). Segundo a autora, o lembrar se liga ao ressurgimento, no tempo presente, de um passado cuja lembrança foi reprimida. Trata-se aí, de uma memória contida em uma dinâmica de ação, uma memória enquanto potência, tal como nos termos de Aleida Assmann: “a palavra ‘potência’ indica, nesse caso, que a memória não deve ser compreendida como um recipiente protetor, mas como uma força imanente, como uma energia com leis próprias” (2011, p. 34). Logo, é viável, a partir do espaço concedido no jornalismo a essa memória não estática, perceber a lógica de afetação do coletivo a ela inerente e, conseqüentemente, abordá-la em conjunto com o que se apresentou, até aqui, como narrativas e acontecimento midiático.

Fala-se aqui de um jornalismo atrelado às tessituras da vida cotidiana e a suas controvérsias e seus agonismos. O fazer jornalístico ampara-se sobremaneira na dimensão do humano, na história em processo, e, portanto, não está imune às tensões inauguradas ou reafirmadas na trama social. Nota-se ainda que o jornalismo contemporâneo também sofre a influência da “guinada subjetiva” que ocorre nos anos 70 e 80 do século XX (SARLO, 2007), em que outros atores sociais são convocados à fala nesse decurso de atualização da memória, ampliando a dimensão democrática do relato (MAIA; LELO, 2014, p. 10).

Retornando às formulações de Vera França (2012) sobre mídia e acontecimento, tem-se que, além de um irrompimento dotado da capacidade de afetação, os

Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, vol.2, n.2 p.35-50, JUL/DeZ 2015.

acontecimentos são objetivados através das narrativas construídas a partir deles. A autora fala, a partir de Queré, em primeira e segunda “vida” do acontecimento, respectivamente. A mídia, portanto, “tanto pode ser um dos lugares em que surgem e se produzem acontecimentos (na sua dimensão existencial), como o espaço em que acontecimentos são repercutidos (e adquirem sua segunda vida)” (FRANÇA, 2012, p. 16). A partir daí, as narrativas jornalísticas configuradas com base nos 50 anos do golpe militar podem ser compreendidas como a segunda vida, o acontecimento enquanto objeto simbólico. No entanto, essa objetivação com finalidade representativa do “aniversário” de meio século do golpe não tem, como é próprio de fenômenos desse tipo, “uma existência objetiva; é uma abstração, erigida a partir de marcas temporais e de uma atribuição simbólica efetivada coletivamente” (FRANÇA, 2012, p. 44). Como completa França (idem), “certas contagens de tempo são particularmente carregadas de simbolismo – 25, 50, 100 anos”, sendo possível incluir aqui, portanto, o objeto deste estudo.

A reverberação dos episódios acerca desse período da história do Brasil, contudo, não se encerra nesse ponto. Se a mídia configura e produz acontecimentos e se o acontecimento carrega consigo o recurso da afetação, esse fluxo, ao se encontrar com o público, renova-se. É possível, por essa via, fazer uma associação entre a reverberação do acontecimento e o desdobramento da intriga (gêrmen da narrativa) a partir da tríplice mímese definida por Ricoeur e apresentada por Carvalho (2012). Trata-se, aqui, do processo de tessitura da intriga, em que, a partir de um mundo pré-figurado, a mímese I representa o mundo social; a mímese II, a configuração narrativa; e a mímese III, a reconfiguração.

A narrativização do acontecimento operada pelo jornalismo, portanto, está necessariamente ligada a uma dinâmica temporal de convocação, no presente, de um passado com futuras implicações. Os 50 anos do golpe, nesse sentido, não se encerram na lógica de um agendamento midiático que previa seu pautar pelos veículos de comunicação. Além disso, há um tempo presente que, enquanto lugar de fala, possibilita novas colocações acerca de um passado recente da história nacional e, conseqüentemente, um reposicionamento do futuro. Considera-se aqui, especialmente, a existência de um contexto atual que proporciona a recordação da memória outrora vetada; uma recordação, como defendido por Assmann, que “se aplica, na era da imprensa, cada vez menos à possibilidade de resgatar o saber e cada vez mais à possibilidade de

recompor os sentimentos. A recordação não é mais que um resquício tênue da experiência originária para a qual não há caminho de volta” (2011, p. 113).

### Considerações finais

A reiteração do papel proeminente do estado mineiro na implementação do Golpe é notória no discurso do especial “Golpe de 1964 – 50 anos”, do jornal *Estado de Minas*. Acima do posicionamento favorável ou desfavorável ao acontecimento, observa-se ainda a análise centrada nas pessoas em detrimento de uma realidade mais complexa que poderia estar em questão.

A atenção prestada pelo jornal aos conflitos estruturais proporciona um dos melhores critérios para avaliar o rigor e a profundidade de seu discurso público [...] e a presunção de que a audiência tem muito mais interesse pelos relatos fortemente personalizados do que pela análise estrutural (BORRAT, 1989, p. 24, tradução nossa).

47

A inferência de que há uma tendência à personificação faz-se notar não só no peso concedido às falas das fontes, semelhante ao que Assmann (2011) trata como “entrevista memorativa” (p. 288). A significativa proporção de perfis na composição do *corpus* e a personalização dos locais também comprovam essa afirmação. Pode-se ressaltar, daí, uma relativa simplificação da realidade. Isso porque, embora se depreenda, após 50 anos, um posicionamento contrário ao golpe militar, a visão dualista predomina na abordagem do protagonismo desse período histórico, o que não se manifesta exclusivamente no periódico em foco. Exemplifica essa afirmativa o debate “A história em duas versões”, veiculado no dia 30 de março e antecedido pelo seguinte trecho:

o Estado de Minas colocou frente a frente um militante de esquerda e um general do Exército para debater sobre (*sic*) o período de ditadura, a partir de 1964. Durante mais de duas horas, os debatedores deixaram claro o ponto de vista divergente em relação à história recente do Brasil, respeitando as visões distintas dos que estiveram em lados opostos. (Jornal *Estado de Minas*, 30 de março de 2014)

Conforme Queré, “o passado se modifica porque o presente passa por mudanças: um presente diferente faz surgir um passado diferente” (2012, p. 27), e os meios de

comunicação estão imersos nesse curso, participando do processo de constituição da memória coletiva. Nesse sentido, são chamados, de alguma maneira, a participar desse movimento em que a sociedade brasileira se vê enredada por tantas questões de violações dos direitos humanos que estão sendo trazidos à tona por intermédio, em especial, dos trabalhos das Comissões da Verdade.

### Referências

ARANTES, Haydêe Sant' Ana; MUSSE, Christina Ferraz. Estado de Minas :Um resgate histórico do jornal dos mineiros. In.: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, II, 2012, Vila Velha. **Anais**. Vila Velha: UVV, 2012, p. 109 – 120. Disponível em <<http://pesquisafacomufjf.files.wordpress.com/2013/05/estado-de-minas-um-resgate-histc3b3rico-do-jornal-dos-mineiros-arantes-haydc3aae-santana-musse-christina-ferraz.pdf>> Acesso em : 21 jul 2014.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BORRAT, Héctor. **El periódico, actor político**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1989.

CARVALHO, Carlos Alberto de. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur. **MATRIZES**. São Paulo, ano 6, nº 1, p. 169 – 187, jul./dez. 2012. Disponível em <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/261/pdf>> Acesso em: 21 Ago. 2013.

FRANÇA, Vera V. **Jornalismo e vida social**: A história amena de um jornal mineiro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. O acontecimento e a mídia. **Galaxia**. São Paulo, n. 24, p. 10-21, dez. 2012. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939/9406>> Acesso em: 18 jul 2014.

\_\_\_\_\_. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In.: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de. (Orgs.). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 39-51.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

LAGE, Leandro. Notas sobre narrativa e acontecimento jornalístico. In.: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. (Orgs.). **Narrativas e poéticas midiáticas**: estudos e perspectivas. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 227-245.

MAIA, Marta R., LELO, Thales V. Memórias da ditadura militar no jornalismo: matrizes de sentido nas narrativas sobre crianças vítimas de tortura. In.: Revista **Fronteiras – Estudos midiáticos**, 16(1):2-10, janeiro/abril 2014.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Incômoda Memória: Os arquivos das ASI universitárias. In: **Acervo**. Rio de Janeiro, v. 21, nº 2, p. 43-66, jul/dez 2008.

PIMENTA, Aluísio e outros. **UFMG: Resistência e protesto**. Belo Horizonte, MG: Editora Vega, 1979.

QUERÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In.: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de. (Orgs.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 21-38.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa: Trajectos, n. 6, p. 59-75, 2005.

REDAÇÃO Carta Maior Disponível em  
<<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/As-manchetes-do-golpe-militar-de-1964/4/15195>> Acesso em: 25 jul 2014.

Jornal **Estado de Minas**, Edições:

- 23 de fevereiro de 2014, domingo. Nº 26.312;
- 2 de março de 2014, domingo. Nº 26.319;
- 9 de março de 2014, domingo. Nº 26.326;
- 16 de março de 2014, domingo. Nº 26.333;
- 23 de março de 2014, domingo. Nº 26.340;
- 24 de março de 2014, segunda-feira. Nº 26.341;
- 25 de março de 2014, terça-feira. Nº 26.342;
- 26 de março de 2014, quarta-feira. Nº 26.343;
- 29 de março de 2014, sábado. Nº 26.346;
- 30 de março de 2014, domingo. Nº 26.347;
- 31 de março de 2014, segunda-feira. Nº 26.348;
- 1 de abril de 2014, terça-feira. Nº 26.349

Recebido em: 24 de Agosto de 2015

Publicado em: 28 de setembro de 2015